

## Ecofeminismo e Pós-modernidade

Elena Aguila Z\*

Deus está morto, o marxismo e o feminismo estão em crise e eu não me sinto muito bem!

A partir de um certo momento inscrevem-se meus "mal-estares", minha perda de referências (ideológicas, políticas, "existenciais") em algo que poderia denominar-se "crise da modernidade". E comecei a me encontrar de maneira precipitada e nada sistemática com o debate "modernidade/pós-modernidade".

Quando falo de modernidade, estou me referindo, fundamentalmente, ao grande projeto da Ilustração cujo desenvolvimento inicia-se no século 18 e transcorre centralmente na Europa. De fato, tenho que levar em conta como é que esse ideal moderno, esse paradigma, tem operado na América Latina. Mas eu não me dedicarei a esta questão agora, porem sugiro-lhes ler (e dialogar com) alguns autores que fazem isso como, por exemplo, J.J. Brunner, *Cartografias da modernidade... M. Hopenhayn. Ni apocalípticos ni integrados. Aventuras de la modernidad en América Latina, México, F.C.E., 1994*).

Embora correndo o perigo de simplificar, quero apresentar algumas características que definiram o que chamamos de modernidade (e que, insisto, também podemos chamar de Grande Relato da Ilustração) e cuja crise (terminal para alguns/as e para outros/as nem tanto) ainda estaríamos assistindo: concepção mecânica e materialista do universo (paradigma da ciência), confiança em que a razão dominará as forças da natureza

(desenvolvimento tecnológico) e isso traria um progresso ilimitado para a humanidade; o conhecimento, então, entendido como domínio: idéia de emancipação como valor central (da natureza, da religião, de todas formas de opressão); o homem, do ponto de vista filosófico, é concebido como um sujeito racional e autônomo; dum ponto de vista político, emerge como cidadão, sujeito de direitos (e digo de homem) porque claramente o cidadão, sujeito, autônomo, racional, moderno, é o varão, (Olympe de Gouges); a "Razão" aparece como o fundamento de valores universais, (igualdade, liberdade e fraternidade); também como fundamento do progresso na história (a História é concebida como dotada de uma Razão a qual a faz desenvolver-se, necessariamente em direção ao progresso).

Este conjunto de idéias tem estado por trás (e continua a estar) de uma boa parte de nossas tarefas, nossas construções de conhecimento e dos projetos que temos enfrentado em nossa recente história (socialismo/capitalismo). Estas idéias constituem o paradigma que está por trás, [como pano de fundo], por exemplo, no discurso dos governos, afirmam estar promovendo o desenvolvimento, a modernização de nossos países. Estas idéias estão em muitas das nossas lutas pela justiça, igualdade dos direitos etc.

Este paradigma ficou em crise em mais de uma oportunidade. A confiança na razão, as ações ou no agir deste sujeito autônomo racional tem se deteriorado após das guerras mundiais e mais recentemente com a crise ecológica. As promessas da modernidade não se têm cumprido para a maior parte da humanidade (e as feministas têm-se encarregado de assinalar-lo a respeito das mulheres).

Esses processos não permitem assegurar que já estamos avançando até essa finalidade. E é nesse ponto no qual estamos.

### Secularização radical vs re-encantamento do mundo

Charlene Spretnar, em seu livro *States of Grace. The recovery of meaning in the postmodern age*, publicado em 1991 (da qual parece existir uma versão em espanhol ao qual não tive acesso), propõe distinguir duas grandes formas de “*apear-se*” frente àquilo que poderíamos chamar de “crise da modernidade”. Também poderíamos falar de dois “lugares” de donde criticar o grande Projeto Moderno (ou a crítica à Ilustração): o “pós-modernismo ecológico” (dentro do qual se inscreve o ecofeminismo) e o pós-modernismo desconstrutivo”. Vejamos a distinção existente entre estes “lugares” (veja também o quadro resumo que, como todo esquema, simplifica, mas também ajuda a entender – para logo podermos “complexizar”).

Poderia-se dizer que para algum/as – pós-modernos ecológicos, ecofeministas – tem chegado o momento de questionar as bases do projeto moderno, desentronar ao sujeito racional autônomo, mostrar sua falsidade, sua inadequação, mostrar que tem existido um erro ao conceber ao ser humano desta forma. Um erro que temos que emendar para não morrer. Tem sido um erro dessacralizar o mundo, haveria pois que “reencantá-lo”. Tem sido um erro acreditar que poderíamos nos separar da natureza (que havia um valor, uma libertação, um progresso, em dominá-la). Teríamos, então, que colaborar no advento de um novo paradigma que nos re-situe no universo, em nosso “verdadeiro” lugar, isto é, como um fio a mais do tecido da vida. Esse “pós-modernismo ecológico” se propõe a ir mais além dos “erros” da modernidade através de uma reorientação radical (uma mudança de paradigma?) que, “preservando os avanços positivos da tradição liberal e do desenvolvimento tecnológico, possa se enraizar numa “sensatez” ecológica e numa significativa participação humana na história em curso da comunidade da terra e do universo. Tratar-se-ia de realizar uma

transição construtiva além daqueles supostos da modernidade que tem fracassado” (aqui cito Spretnak em tradução livre).

Para outros/as – pós-modernos desconstrutivos – haveria, então que terminar de desencantarmos de vez. A modernidade não seria um desencantamento radical do mundo, já que nos teríamos encantado com a Razão, com a idéia de Homem como sujeito da História, como Progresso. Teria chagado o momento de libertar-nos de toda a verdade. De todo princípio absoluto, de todo fundamento transcendental (secularização radical). Deixarmo-nos levar num devir sem sentidos [alvos] últimos que a cultura constrói e desconstrói incessantemente.

A ênfase do “pós-modernismo desconstrutivo” estaria depositada na revelação do caráter cultural da construção de conceitos geralmente considerados universais ou naturais. Haveria nesta corrente filosófica, uma crítica radical ao conceito de “realidade”. Não há “realidade” fora da linguagem (ou do discurso) que a constrói, todo “significado” é produzido socialmente, tudo é discurso, tudo é cultura, etc., seriam afirmações características do “pós-modernismo des-construtivo”, cujos “pais” teríamos que procurar, sobretudo no pós-estruturalismo francês (Derrida, Foucault, Barthes, Deleuze, para nomear os mais conhecidos).

No livro citado, Spretnak define-se muito criticamente a respeito do “desconstrucionismo”. Ela quer deixar clara a distinção de sua proposta “pós-moderna ecológica” dessa corrente “pós-moderna desconstrutiva” (que teve seu auge nos 80 na academia norte-americana e nos 90 na academia latino-americana).

Ela reconhece como um aporte do projeto desconstrutivo pós-moderno estimular a consciência a respeito do caráter cultural de muitos dos conceitos que nos foram impostos como “verdades universais”. Segundo ela, este assunto já tinha sido abordado pelas feministas e os ativistas afro-americanos antes que o desconstrutivismo virasse uma moda. Contudo, ela expressa sua discrepância com a idéia de que tudo seja cultu-

ral (ou construção social) na experiência humana.

Sua proposta consiste na recuperação do que ela nomeia de acertos, as instituições centrais “das grandes tradições de sabedoria” (budismo, espiritualidade dos povos nativos americanos, a espiritualidade da deusa, a tradição semítica). Reconectar-se com os núcleos essenciais destas tradições (mais além de suas institucionalizações históricas) seria então, uma maneira de enfrentar os “fracassos” da modernidade e também de transitar em direção a um novo paradigma (pós-moderno ecológico) que não implique na dissolução de toda possibilidade de sentido, de conexão, de comunidade, de ética (como aconteceria no marco do pós-modernismo desconstrucionista). E nesse marco se inscreveria o *eco-feminismo*.

Para complexizar um pouco mais a figura, teríamos que mencionar a outros/as que também sustentam a idéia de que a modernidade tem elementos recicláveis. Eles/as afirmam que o projeto moderno da Ilustração pode ser reformulado e corrigido. A razão pode recompor-se e compreender-se de uma maneira diferente. A história da razão que tem atuado desde a ilustração até o momento tem sido uma razão instrumental, orientada por uma lógica de interesse (tirar proveito, benefício), do domínio (razão técnica) que tem extrapolado as relações humana e política, do utilitarismo e do pragmatismo. O sujeito moderno deve acolher as diferenças (de gênero, de cultura, etc). Complexizar a compreensão de verdades/valores universais (mas não renunciar a eles). Aqui podemos situar certos desenvolvimentos recentes da Escola de Frankfurt (a proposta habermasiana da razão comunicativa); certas reciclagens do marxismo, o feminismo ilustrado, a ecologia política ou social etc.

### E onde você se situa?

Pela minha parte, navego por cada uma destas águas diariamente. As vezes com sensações de esquizofrenia. Mas a possibilidade de ser “uma” parece estar-se indo com o séculos. “Ilustrada”

quando se trata de direitos humanos e de discriminação de gênero. “Pós-moderna ecológica” (ou ecofeminista) quando trato de pensar novas formas de organização da economia e da sociedade (e quando penso nos bosques de “lenga” [árvore nativa do Chile] da Terra do Fogo). “Pós-moderna deconstrutiva” quando se trata de desnaturalizar tantos costumes naturalizados (sobretudo em matéria de relações, formas de viver a vida, temas como corpo, família, parceiros, maternidade, etc.). “Pós-moderna desconstrutiva” também na hora de complexizar a compreensão das relações de poder (e tratar de perceber a “micro-física do poder”). Mas não tão “desconstrutiva” na hora de pesquisar a história invisível das mulheres e a possibilidade de reconhecer uma memória que respalde a instalação de um sujeito-mulher etc.

Embora o gesto de declarar-se anti-ilustração ou pós-moderna, não me parece um gesto simples e acredito que deva ser avaliado minuciosamente. Porque, claro, moderno é o capitalismo, o liberalismo, o neoliberalismo, e sermos críticas frente a isso, resulta relativamente fácil. Contudo, moderna também é a concepção de democracia que hoje, precariamente sustentamos – podemos, também, ser críticas dela, mas não resulta muito fácil descartá-la como imprestável, pelo menos a idéia de democracia, ao menos para aqueles/as que temos crescido no meio das ditaduras, a democracia com todas as suas imperfeições, limitações e promessas não cumpridas, não parece ser um sistema que devamos declarar como caduco. O projeto socialista também é moderno. E o feminismo que reivindica direitos e igualdade para as mulheres (o socialismo e o feminismo nascem como uma radicalização da Ilustração). Todos os posicionamentos dos direitos humanos também são produtos da modernidade. E democracia, socialismo, feminismo, direitos humanos têm sido pontos de referencia-chave no meu percurso político-existencial. Pergunto-me: têm um lugar em algum tipo de pós-modernismo? O ecofe-

minismo das pós-modernas ecológicas às vezes parece ter mais eco do que o feminismo. Nem sempre consigo vislumbrar a tradução política dos discursos filosóficos do feminismo “pós-moderno” (desconstrutivo). Eu não vejo no pós-modernismo ecológico muito interesse em temas

como a democracia e/ou direitos humanos (será que ainda se consideram temas próprios do “antigo paradigma”?). Pergunto-me ainda se palavras como “libertação”, “emancipação” podem se pronunciar com algum sentido, em tempos “pós”? Vamos ver...

